

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXX SIC

15 A 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



FEMINICÍDIOS EM REGIÕES DE FRONTEIRA DO BRASIL

Bruna Pereira Meneghetti, Stela Nazareth Meneghel

INTRODUÇÃO

A violência de gênero engloba agressões de caráter físico, psicológico, sexual, institucional e econômico e, em suas manifestações mais extremas, pode culminar em assassinatos de mulheres, fato denominado feminicídio. O feminicídio compreende a violência letal cometida em diferentes contextos, como em relações afetivas, execuções, mortes a negligência do estado e em mortes de militantes e ativistas sociais. Além da condição desigual de gênero, fatores como raça, etnia, identidade sexual, migração, ocupação e território, onde vivem também, influenciam esse tipo de violência. Nas zonas de fronteira, onde a violência estrutural é maior, as mortes femininas apresentam-se mais elevadas.

OBJETIVO

Estudar a ocorrência de feminicídio em municípios da Faixas de Fronteira do Brasil.

METODOLOGIA

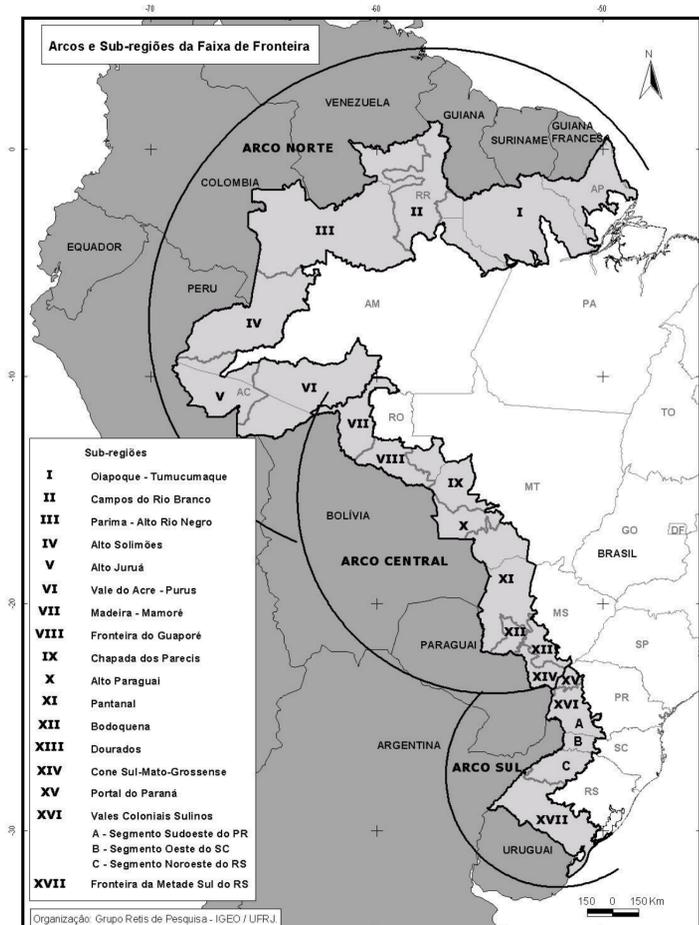
Estudo quantitativo, parte do projeto de pesquisa “*Feminicídios em regiões de fronteira do Brasil*”. Foi analisada a mortalidade feminina por agressão em 122 municípios fronteiriços do Brasil, de acordo com a divisão em três Arcos: Norte, Centro e Sul. Foram coletados dados socioeconômicos e demográficos nas bases de dados do DataSUS e IBGE.

RESULTADOS PRELIMINARES

Observou-se diferença estatisticamente significativa na distribuição da mortalidade feminina por agressão entre os arcos. O Arco Sul é a região em que a mortalidade é menor, seguida pela região Norte e, finalmente, o Centro, no qual as mortes femininas são mais elevadas.

CONCLUSÕES

Nas zonas de fronteiras, onde a violência estrutural é maior, as mulheres apresentam-se, conseqüentemente, mais vulneráveis. A ocorrência de homicídios femininos difere de acordo com cada Arco de fronteira, mas reflete a desigualdade e as violências existentes. É fundamental identificar as frequências dessas mortes e possíveis determinantes para que se possam realizar ações específicas para o enfrentamento desse tipo de violência.



Fonte: Grupo Retis de Pesquisa – IGEO UFRJ